

BIOGRAFIA DE AUGUSTO LEVERGER BARÃO DE MELGAÇO

*(Trecho da obra "Datas Mato-grossenses",
escrita por Estevão de Mendonça, 1919, v. 1, p. 40-45)*

14 DE JANEIRO

1880 - Falece em Cuiabá o almirante Augusto Leverger, Barão de Melgaço. Cercou os olhos para sempre cercado pela estima e veneração do povo mato-grossense, ao qual prestou relevantes serviços, na guerra como na paz, no repouso como na hora do perigo.

Teve por berço Saint-Malô, cantinho da velha Bretanha (França), ninho agreste de onde também desprenderam vôos Cartier e Sourcouf, e aos seus primeiros vagidos, às primeiras carícias recebidas como primogênito, responderam os estalidos das vagas alterosas, sacudidas pela ventania que açoitava pelo mar afora.

Ali, sobre o rochedo de granito da terra natal, passou Leverger a sua meninice, tendo diante dos olhos a amplidão das águas, grandioso panorama que veio exercer influência direta no seu destino, arrastando-o muito moço ainda para a vida do mar, do mesmo modo que as virtudes e ensinamentos paternos firmaram-lhe na alma a rigidez de caráter e a fulguração de espírito que o sagraram benemérito.

Fazendo-se marinheiro aos dezesseis anos de idade, em janeiro de 1820 embarcava na escuna francesa *Angélique*, na qualidade de segundo comandante, e foi no manejo dessa nau, em demorada travessia pelo Atlântico, que os seus conhecimentos profissionais se acentuaram. Passando logo para a galera *General Lecor*, transformada em paquete a serviço do governo de Montevidéu, nela permaneceu por algum tempo, dedicando-se então ao estudo hidrográfico do estuário do Prata.

A sua carreira propriamente militar foi iniciada em 1824, época em que entrou para a marinha brasileira, com as honras de 2º tenente em comissão, sendo no ano imediato confirmado naquela patente e mandado servir na fragata *Niterói*. A partir de então definitivamente se resolve a ficar no Brasil, a terra que para Leverger possuiu sempre encantos sem par e à qual serviu com dedicação e lealdade, por espaço maior de meio século.

Tomou parte ativa na campanha do Prata, salientando-se em cinco dos principais combates. A galhardia com que se conduziu motivou-lhe a promoção ao posto de 1º tenente, dada pelo comandante da esquadra em operação e confirmada pelo governo imperial. Durante aquele período serviu respectivamente nas fragatas *Niterói*, *Príncipe Imperial* e *Piranga*; e como comandante da bombardeira *Dezenove de Outubro*, mostrou-se o mais destemido no encontro com o corsário argentino *General Branzger*, que atacou e reduziu a silêncio.

Foi durante a sua permanência no Prata, escolhida convivência do almirante Norton, ao contato assíduo de uma plêiade de camaradas ilustres - William Mac Erving, Cecil Browning, John Williams, Thomas Craig e outros - que o espírito de Leverger se desenvolveu e solidificou. Em 1829, comandando a corveta *General Dorrego* regressou ao Rio de Janeiro; e nesse mesmo ano recebeu do governo a incumbência de construir e preparar em Mato Grosso uma esquadilha de chalupas canhoeras destinadas à defesa da fronteira do baixo Paraguai, na conformidade do plano anteriormente delineado pelo capitão-general João Carlos Augusto d'Oeunhausen de Gravenberg.

Partindo nos últimos dias de 1829 com destino a Santos, e dali a São Paulo, após cinco meses de demora em Porto Feliz, deu início a longa e embaraçosa viagem praticada pela via fluvial do Tietê e rio Pardo, até Camapuã, Taquari e Paraguai, e a 23 de novembro de 1830 aportava em Cuiabá, depois de haver transposto 530 léguas e vencido 114 cachoeiras.

Permaneceu Leverger em Cuiabá até março de 1834, lastimando, como diz, "que a sua comissão fosse uma legítima e fastidiosa sinecura". A semelhante situação se opunham os impulsos de um temperamento voltado ao trabalho, e por isso lealmente comunicara desde logo ao ministro da marinha a inutilidade do seu encargo.

Regressando ao Rio de Janeiro, num período de agitações e incertezas, em que as classes armadas se entregavam aos mais desenfreados manejos políticos, julgou que o momento lhe ditava um afastamento temporário. Por isso requereu e obteve um ano de licença, que por aviso de 14 de abril de 1836, foi prorrogado por mais seus meses.

Ainda no gozo de tal prorrogação, recebeu, com surpresa, mas sem articular uma queixa, nem levantar reclamação, o decreto que o reformava no posto de 1º tenente, com exclusão do respectivo soldo. Solicitados novamente os seus serviços, para desempenho de importante comissão em Mato Grosso, e ainda em meio da viagem para Cuiabá, recebia o decreto de promoção a capitão-tenente, com as vantagens correspondentes. Aceitou os benefícios da Antigüidade, mas desistiu dos proventos pecuniários.

Recebido com alvoroço em Cuiabá, onde só havia conquistado afeições, cuidou sem tardança, embora lutando com embaraços de toda classe, de organizar o departamento do Trem Naval, mais tarde aparelhado com melhores elementos e transformado em Arsenal de Marinha. À frente dessa repartição conservou-se Leverger até 1841, quando foi distinguido pelo governo imperial com a nomeação de cônsul geral do Brasil na República do Paraguai.

Os numerosos trabalhos que até então havia executado, a despeito mesmo, de pouco vulgarizados em consequência da sua extremada modéstia, e outros de caráter reservado, haviam-lhe granjeado a estima dos dirigentes da nossa diplomacia, e conquistado para o seu nome sólida reputação científica.

Promovido a capitão de fragata por decreto de 23 de julho de 1842, e a capitão de mar e guerra em 1852, dois anos depois cingiam-lhe os punhos os bordados de chefe de divisão. Em 1857, ainda no vigor dos anos, pediu e alcançou reforma no posto de chefe de esquadra, dando assim por terminada a sua carreira militar, tão brilhante quanto cheia de lances patrióticos e de exemplos fecundos.

Fato digno de menção é a relativa facilidade com que Leverger se adaptou ao meio provinciano. Para isso concorreram fatores múltiplos, preponderando, porém, entre tais fatores a singeleza dos hábitos locais, e a acentuada tendência do seu espírito para o isolamento e para a quietude.

Concorciando-se em 1842 com D. Inês de Almeida Leite, a quem dedicava afeito profundo, ficou o ilustre marinheiro desde então definitivamente preso à cidade de Cuiabá, onde para empregar a sua frase, aliás bastante expressiva - "lançou âncoras para sempre". A partir dessa época, não mais pensou em arredar-se da modesta vivenda que adquirira, à rua do Campo, a mesma em que veio a falecer.

Ali, ao lado dos livros prediletos, dos numerosos manuscritos, cercado do carinho da família, fez ele o centro da sua poderosa atividade cerebral, estudando os nosos complicados assuntos de limites, coordenando notas e observações astronômicas, traçando os detalhes da carta geográfica da província e escrevendo a maior parte dos interessantes e valiosos trabalhos que deixou sobre Mato Grosso.

Depois que se afastara do quadro ativo da armada, quando os deveres de administrador escrupuloso, ou os afazeres de outra natureza não o prendiam à cidade, inteiramente se alheava na sua casa de campo, à margem pitoresca do rio Coxipó. Nesse retiro, poucos, bem poucos eram os que tinham o privilégio de ouvi-lo, graças à maneira gentil com que sua esposa punha-o ao abrigo dos inoportunos.

Na suprema direção da província, adotou como norma de conduta a mais severa economia e inteira distribuição da justiça, não distinguindo correligionários e fazendo-se respeitado no conceito unânime dos adversários. Embora filiado ao partido Conservador, exerceu também a presidência em situação liberal tanta e tão justificada era a confiança que inspirava a todos.

O concurso da sua experiência e do seu saber, por vezes reclamado pelos altos poderes da nação, mais diretamente se fez sentir nos ajustes preliminares de limites com o Paraguai e com a Bolívia, sendo certo que as negociações entre este último país e o Brasil foram guiadas, passo a passo, pelas suas indicações ponderadas e criteriosas. Por isso reclamou contra a linha Guaporé, tal como ficou convencionada do tratado de 1867.

A ação de Leverger, porém, não ficou apenas circunscrita, em Mato Grosso, ao campo das nobres conquistas intelectuais; a sua ação também se fez sentir no momento do perigo, no momento supremo do desespero, quando o inimigo, pisando o solo pátrio, espalhava diante de si o terror, a morte e a devastação.

Desfeitos os reccios e as apreensões, serenados os temores, tornou o valoroso marinheiro o seu viver obscuro, à margem do límpido Coxipó, onde pouco antes um ilustre viajante, cavalheiro Bosi, o fora encontrar todo entregue às suas indagações. A impressão que a esse visitante causou o viver calmo e sadio do almirante brasileiro, se reflete na seguinte página da *Viagem Pittoresca*: “Um dos homens que pela sua ciência e pelos serviços que há prestado, se faz, na verdade, recomendável, é o Sr. Augusto Leverger, francês de nascimento, chefe de esquadra e hoje reformado, condecorado com diversas distinções honoríficas, e que há exercido por vezes a presidência da província, com agrado e aplauso. Este cavalheiro tem realizado trabalhos hidrográficos e geográficos de maior importância; alguns dos quais são conhecidos com vantagens, principalmente as suas minuciosas explorações do rio Paraguai e seus afluentes. Atualmente se ocupa com o levantamento de uma carta que compreende a navegação desde Corumbá até Cuiabá, e com a organização de um plano hidrográfico de toda a província”.

Esse viver tranqüilo e despretençioso, alheio às coisas banais que dominam a vida provinciana, o acompanhou até aos derradeiros momentos. O seu próprio enterro foi realizado sem pompas.